

DIVAGAÇÕES

Altamirano Nunes Pereira

Antigo Prof. de Filosofia do
Colégio Militar — Rio.

A sabedoria do Criador lançou para a eternidade a tendência indisfarçável de ânsia para a perfeição nas aspirações humanas. Selou essa fatalidade, porém, com o sinal indelével da impossibilidade de atingir a criatura o clímax de uma saturação que a eleve à altura da divindade.

O homem foi feito de terra e da Terra, da impureza, da imperfeição, do nada. Se recebeu o sôpro divino, foi essa uma aura para predestinação em busca do Absoluto, sem que o eivasse, a êle, a gama de um conteúdo de alma que o integrasse no grande Deus.

Eis por que, desde sua existência de primeiros dias na Terra, fêz-se o homem um angustiado. Nasce, cresce e morre, na perfeição de um ciclo de aspirações sem conta: sente, pensa e age.

Seus sentimentos, pelo complexo da sensibilidade que o anima, fazem-no buscar o prazer e fugir à dor. A tendência, com a marca viva do instinto, comum que é a tôda a animalidade, assume para o ser humano aspecto transcendente que, é fôrça reconhecer, o torna juguete de anseios, aspirações, sensações e paixões de tôda ordem.

A ciência, criada pela Razão, e a Arte, impregnada do coração, dão-lhe os motivos para as emoções, na ânsia da busca do prazer e na fuga ou repulsa à dor. E a Moral que se deveria condicionar à sensibilidade, sob ainda os influxos da Razão, padece dessa tendência para alcançar o homem a Perfeição pelo prazer.

Além disso, dispondo do cadinho divino que é o mecanismo da Consciência, mas sabendo que seu fenomenalismo é de ordem

subjetiva, - que o juiz é o próprio indivíduo, - o homem realiza suas locubrações com respeito mesmo àquela ineluctável ânsia de perfeição, sem o teor de condicionamento moral necessário e suficiente para atingir seus fins. Chega ao ponto mesmo de seu raciocínio fugir da ideação normal, se os resultados o conduziram à contradição ou à antítese da tendência para o prazer.

Deforma-se, dêse jeito, o sentido da perfeição que seria de atingir.

A atividade mental é, ainda, subjetiva, enquanto se funde e se baseie em dados da objetividade. O pensamento padece, então, do influxo da sensibilidade, aliás no seu processo primário natural, mas a acomodação e o processo dos fatos da intelectualidade seguem o ritmo do interesse.

O homem pensa. E nisso se sintetiza todo o complexo de manifestações de inteligência. A ideação, a imaginação, a pseudo-criação, que nada mais é que simples arranjo de dados colhidos de percepções vividas, a associação de idéias e tudo o mais se arranja sob a marca ou o signo da conveniência, do interesse, da ineluctável tendência para o prazer.

Esse prazer é a concretização de um ideal, é a obtenção de uma situação de equilíbrio, é uma conquista, é uma consecussão de um bem terreno, de um gôzo material, carnal. Raro, muito raro, porém, é a revelação de uma consciência clara, meridiana, de que o homem ascendeu mais um passo para a proximidade de Deus. É que a Moral, que deveria presidir as atitudes mentais, não se arraiga nas atividades cerebrais, nas atitudes dos seres que se presumem feitos a imagem divina. . .

Resulta, então, para o homem moderno uma deformação visível de suas atitudes. A unidade psicológica que deveria caracterizar a personalidade, dentro da continuidade, já não se depara no ser. As atitudes são contraditórias e até, mesmo, contrárias.

Parece que turbilhões de idéias, com curso rápido, velozmente, impedem o reparo da consciência para as fixações de estados mentais. Há hipertrofias da atenção e hipotrofias das percepções, que se fazem pela rama, já não caracterizando um monoi-

deísmo mas preparando uma extrema confusão, para conduzir o espírito a uma angústia permanente.

Em consequência, já com a gama da sensibilidade alterada, em função das emoções e comoções, das excitações e sensações trepidantes, o homem moderno está perturbado nas condições de ser inteligente, com o mecanismo da razão sujeito a paradoxos, a anacronismos, a defasagens e a desníveis que lhe transfiguram o poder e a capacidade de juízo.

E êsse, — um homem assim tão mutilado nos aspectos ou nas condições fundamentais de ser racional, para que as manifestações da sensibilidade e da cognoscibilidade são os elementos mais característicos, por basilares para as ações, — o homem moderno, **sui-juris**, como exercitará o ânimo para fazer, trabalhar, realizar ou agir? Que fins ou objetos perseguirá no curso trepidante de seu ciclo?

Já nêle se acentuavam aspectos de tudo de todos os mais seres. Isso na sua condição de ser inteligente, onde se via o mesmo, em determinadas proporções, em sua síntese, do que na cobra, no urso, no cão, na enguia, no asno, no lobo, no rato. . . Nêle já se notara a peçonha, a artimanha, a felonía, a inveja, o ódio, a cupidez, a falácia e muito mais. Também algumas virtudes e qualidades. . .

E daí, os homens nas suas ações, se entredevorarem. A luta pela vida vai num crescendo de dificuldades que todos parecem querer-se reciprocamente destruir. As manchetes anunciam filhos que matam aos pais, pais que matam filhos; irmãos que matam irmãos; irmãos que roubam a irmãos em processos de herança, por pouco dinheiro, por pouca coisa. . . Uns querem subir a qualquer preço, outros descem sem querer, sem nenhum aprêço..

Uns fundam sua moral no prazer e são a maioria. Outros, no interesse; outros, na razão pura, que é a própria consciência, tôda eivada de suspeição; outros, - que poucos! - na virtude; outros, - que muitos são, - já não encontram nenhum fundamento para sua moral, não trepidando em atingir os fins por quaisquer meios.

Ao meditarem-se as afirmações precedentes, não faltarão os que, recordando fastos que a História registrou, tragam o asserto

de que o homem é e sempre foi o mesmo. Certo é, dentro de limites de extensão e compreensão. Todavia, aos acidentes fatais que se jungem compulsoriamente à substância, às coordenadas que a definem e a marcam, tais o tempo e o espaço, há de reconhecer-se a existência de um fator imponderável, que é a intensidade psicológica em função do progresso, motivada pela civilização. . .

Esse fator, sempre e necessariamente variável, numa progressão que se não pode mecanizar em números, vai dando ao homem o sentido de uma alteração de personalidade no transcurso dos tempos. Agora, - quem o negará? - atingimos o clima de imensa angústia. O homem se agita e a Humanidade o conduz? Ou o homem põe e Deus dispõe? Ou o homem quer ser o mesmo Deus?

Penetram-se os mistérios da matéria, chegando-se a desintegrá-la; vencem-se os obstáculos contra os céus, de encontro aos astros; na penetração da Terra e em direção ao mar.

E o homem, em busca de Luz, sonhando a penetração da Eternidade, na ânsia do Absoluto, penetra o nada, mortifica-se, consome-se e se reduz na angústia de sua extrema e infinita imperfeição: sente, pensa e age para o vórtice da morte!

Rio, outubro de 1959.